

SOCIOLINGUÍSTICA: O PAPEL DO SOCIAL NA LÍNGUA

Rodrigo Mazer Etto¹ e Valeska Gracioso Carlos²

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar um breve histórico da Área de estudos conhecida como Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa. Serão apresentados os elementos que constituem essa área de pesquisa, partindo da Linguística Moderna e chegando ao papel fundamental de William Labov na sua teorização e metodologia. Para demonstrar o caminho percorrido até se chegar à Sociolinguística, foram brevemente apresentadas as posições de alguns teóricos da linguagem como Saussure, Bakhtin, Jakobson, Chomsky e Benveniste sobre a relação entre língua e fatores sociais. As características da Sociolinguística, também conhecida como teoria da variação, foram baseadas nos postulados de William Labov, e recorreu-se à Tarallo e Monteiro para melhor interpretação da teoria laboviana.

Palavras-chave: Linguística. Sociedade. Labov.

SOCIOLINGUÍSTICS: THE ROLE OF SOCIAL IN THE LANGUAGE

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present a brief history of the Area of Studies known as Labovian or Quantitative Sociolinguistics. It will be presented the elements that make up this area of research, starting from Modern Linguistics Saussure and reaching the fundamental role of William Labov in his theorization and methodology. In order to demonstrate the way forward to reach Sociolinguistics, the positions of some language theorists such as Saussure (2006), Bakhtin, Jakobson, Chomsky and Benveniste on relationship between language and social factors. The characteristics of Sociolinguistics, also known as Theory of variation, were based on the postulates of William Labov, and Tarallo and Monteiro were used for a better interpretation of the Labovians theory.

Key words: Linguistic. Society. Labov.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: etto.rodrigo@gmail.com

² Professora da Disciplina Variação Linguística: pluralidade e identidade do Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: vgracioso@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A relação entre língua e sociedade é aceita por muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua e, apesar de algumas teorias da linguagem apresentarem interpretações diversas dos fenômenos linguísticos, aproximando-os ou distanciando-os do seu papel na vida social, os estudos sociolinguísticos comprovam ser inegável a relação entre língua e sociedade, sendo, portanto, imprescindível o entendimento desse vínculo quando se discute o fenômeno linguístico.

Para a Sociolinguística, toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que o pesquisador sociolinguísta registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, relacionando essas variações com fatores sociais, numa tentativa de identificar qual fator ou grupo de fatores é o responsável por determinada variação.

Este trabalho se divide em quatro partes: a primeira buscará apresentar o percurso realizado pelos estudos linguísticos até se chegar à Sociolinguística atual; a segunda parte tratará da imprescindível colaboração de Labov (1978, 1982, 2008) na estruturação, organização e reconhecimento dessa área como campo específico de estudo da linguagem; a terceira abordará a metodologia laboviana para a realização de uma pesquisa sociolinguística; e a quarta parte tratará da questão do preconceito linguístico, em que se tentará responder a seguinte pergunta: como a Sociolinguística pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico em relação às variações do Português nas aulas de Língua Portuguesa ministradas nas escolas?

O CAMINHO PERCORRIDO

De acordo com o trabalho intitulado *Variação e Mudança Linguística* (SALOMÃO, 2011), o termo sociolinguística surgiu no ano de 1939, no artigo *Sociolinguistics in India* (HODSON, 1939). Contudo, em virtude do objetivo a que se propõe este trabalho, que é o de realizar um breve panorama retrospectivo do surgimento da Sociolinguística, serão apresentados, nas próximas linhas, apontamentos de alguns teóricos da linguagem sobre a relação entre língua e sociedade antes do ano de 1939.

Ferdinand Saussure, o criador da Linguística Moderna, em 1916, considerando que a língua possuía uma estrutura fixa e imutável, elabora uma teoria que separa língua e fala, e concentra sua atenção na análise da língua, pois, para esse linguista, “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271).

Treze anos depois, em 1929, contrariando a teoria de Saussure, Michail Bakhtin (1990) defendeu a ideia de que a língua possuía um caráter social, que se realizava através de atos enunciativos em determinada circunstância de interação verbal.

Também contrário à teoria do Criador da Linguística Moderna, Jakobson (1973), em 1960, criticou a homogeneidade da língua defendida por Saussure, por compreender que existem inúmeras situações e comunidades linguísticas nas quais os sujeitos interagem de diversas formas e, de acordo com a função e os objetivos de uma dada situação de interação comunicacional, esses indivíduos escolhem determinado código linguístico dentre uma variedade de outros.

Por outro lado, em 1965, Chomsky (1965, 1997), representante do formalismo da escola gerativista, e criador da Gramática Gerativa, defendia a ideia da existência de um falante ideal, inserido em uma comunidade linguisticamente homogênea, cuja competência linguística – a capacidade de compreender e delimitar as regras combinatórias e articulatórias de sua língua –, seria o verdadeiro objeto de estudo do linguista e a heterogeneidade da língua não seria considerada. Para esse linguista, a língua é um conjunto infinito de frases, que se define não apenas pelas já existentes, mas também pelas frases possíveis, aquelas passíveis de criação através da interiorização das regras da língua, o que torna os falantes aptos a produzir frases mesmo que nunca tenham sido ouvidas por ele.

Em 1968, a relação entre língua e sociedade foi novamente abordada, dessa vez por Benveniste (1989), na obra *Estrutura da Língua e Estrutura da Sociedade*. Benveniste afirma a possibilidade de estudo, descrição e compreensão da sociedade através da língua, que funcionaria como um instrumento de análise do meio social.

Foi então, a partir de 1960, após conceitos e teorias de vários estudiosos da linguagem, que a Sociolinguística reivindicou sua posição de campo específico de estudo e acabou apresentando duas vertentes distintas para se referir a essa área que correlaciona língua e sociedade. Uma delas denominou-se Sociolinguística, propriamente dita, na qual linguistas e antropólogos teriam como objetivo a descrição e análise da língua na sua relação direta com fatores sociais, ou seja, a influência de elementos socioculturais no fenômeno linguístico. A outra ramificação - a sociologia da linguagem - teria como foco estudar e compreender a influência

da linguagem no comportamento de uma sociedade, onde cientistas sociais e alguns linguistas procurariam interpretar o efeito da língua na sociedade (PAULSTON; TUCKER, 2003).

Para a Sociolinguística, a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”, fato que permite a identificação e demarcação de diferenças sociais na comunidade, constituindo-se como parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Em sua formação, a Sociolinguística utilizou-se de basicamente três disciplinas: a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e pôde mesclar as contribuições de cada uma dessas áreas. A Antropologia colaborou com seus conhecimentos de etnografia; a Sociologia com seu cabedal teórico-metodológico; e a Linguística com suas teorias sobre a linguagem. A união de pesquisadores dessas três áreas do conhecimento muito cooperou para o fortalecimento do que conhecemos hoje como Sociolinguística.

Em 1964, Bright (1966, 1974) organizou, na Universidade de Los Angeles, uma escola teórica dessa nova área de estudos e, juntamente com a colaboração de outros linguistas presentes, definiu a diversidade linguística como objeto de estudo da Sociolinguística. Segundo Monteiro (2000), Bright definiu os fatores condicionantes do fenômeno da diversidade linguística como aqueles ligados ao falante, ao destinatário, às suas identidades sociais e ao contexto em que se dá a comunicação, mas ainda deu à Sociolinguística um papel complementar, ou subordinado às três áreas que lhe deram origem: a Linguística, a Sociologia e a Antropologia.

O pesquisador William Labov encontrava-se presente nesse encontro e, no início, recusava-se a usar o termo Sociolinguística, pois, para ele,

só existia um tipo de linguística, a social, não havendo motivo para destacar o caráter social da língua na nomenclatura dessa nova área de estudos (LABOV, 2008).

A SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA

William Labov foi o criador desse modelo teórico-metodológico: a Sociolinguística, que consiste em uma ciência da linguagem social que estuda a coexistência de variantes linguísticas e suas probabilidades de uso. Esse modelo de análise linguística trabalha com números e estatística dos dados coletados e sua principal característica, em contraposição ao modelo gerativista, é que Labov “o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 1994, p. 7).

Através de sua famosa dissertação de mestrado, sobre as variações do Inglês utilizado por habitantes da ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 2006), realizada em 1963, Labov analisou a relação entre fatores sociais como etnia, sexo, ocupação e idade, com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha, localizada no estado americano de Massachussets, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do Inglês falado por essas pessoas. Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção de sua identidade social, como descendentes dos *Yankees*, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII.

Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua

presença uma invasão cultural e econômica, portanto, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos.

Discordando da ideia de homogeneidade linguística defendida por Saussure (2006), e do conceito de falante ideal defendido por Chomsky (1965, 1997), para Labov a língua não é propriedade do indivíduo, mas sim da comunidade, fato que o leva a crer que o novo modo de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p.259).

A Sociolinguística é também conhecida como Teoria da Variação, pois seus pesquisadores procuram analisar as variações que estão em co-ocorrência, as usadas ao mesmo tempo, e as concorrentes, as formas linguísticas que concorrem entre si. A Sociolinguística, cujo propósito é estudar as variações linguísticas, suas estruturas e evolução no contexto social de determinada comunidade, cobre a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV, 2008, p. 184).

Esse modelo ocupa-se das variações sistemáticas da língua falada chamadas de variantes linguísticas, que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, e “a um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1994, p. 08).

Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como

variantes de uma mesma variável.

A título de exemplo, em um determinado enunciado pode-se ter as variáveis linguísticas *concordância*, ou *não concordância* do verbo com o sujeito, muito praticadas por diversos falantes na linguagem cotidiana. Outro bom exemplo são as diversas formas lexicais que as palavras assumem em certas culturas ou tradições, como o caso das variações linguísticas conhecidas como gírias que, de acordo com os fatores sociais que incidem sobre os grupos de falantes que as praticam, possuem significados diferentes para palavras ou termos usados na linguagem formal, padronizada. Com relação a esses dois exemplos, apesar de serem praticados por diversos falantes no dia a dia, tanto a não concordância do verbo com o sujeito quanto a utilização de gírias na linguagem oral, não são considerados gramaticalmente adequados, de acordo com as regras prescritas pela norma padrão ou culta da Língua Portuguesa.

As variáveis linguísticas classificam-se em dependentes e independentes. As primeiras são o próprio fenômeno a ser estudado, como a ocorrência da concordância nominal em determinado enunciado, cujas variáveis seriam o uso ou não da regra de concordância gramatical. Já as independentes dizem respeito aos fatores linguísticos internos (estruturais) e os externos (socioculturais).

Para analisar estatisticamente um fenômeno variável, o estudo sociolinguístico busca calcular o peso ou influência de cada fator, os linguísticos e os socioculturais, na ocorrência de determinada variação em um determinado momento – sincronismo - ou ao longo do tempo – diacronismo - numa tentativa de aproximação dos fenômenos sincrônicos e diacrônicos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

A aproximação entre diacronia e sincronia possibilita o entendimento do processo de mudança, não através das transformações radicais, pois:

[...] para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação. [...] a partir de tais e tais características estruturais e de tais condições de funcionamento, o sistema, quase que preditivamente, caminhou na direção X e não na direção Y (TARALLO, 1994, p. 25-26).

Para compreender a forma que uma variante se dissemina dentro de uma comunidade de fala, a pesquisa sociolinguística investiga se há tendência de mudança, podendo utilizar alguns instrumentos para essa análise, por exemplo, testes de julgamento pessoal, que, através da opinião dos entrevistados, possibilitam a observação, pelo pesquisador, dos valores pessoais dos falantes sobre determinada variante.

Tanto a análise da influência dos aspectos linguísticos e socioculturais, quanto a observação da reação dos falantes diante de determinadas variantes, contribuem para identificar os motivos de determinada mudança e sua implementação pelas comunidades de fala (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972).

Contrariando a homogeneidade linguística das teorias estruturalistas, a Sociolinguística procura explicar a heterogeneidade da língua, através da análise de fatores internos e externos ao sistema linguístico, pois ela “parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível” (MOLLICA, 2004, p. 10).

METODOLOGIA

A Sociolinguística se interessa pelas variações linguísticas que podem ser explicadas sistematicamente, entendendo-se como variação sistêmica a maneira alternativa de dizer a mesma coisa, desde que essa maneira seja portadora do mesmo significado referencial (LABOV, 2008).

A metodologia de uma pesquisa sociolinguística exige que os dados sejam coletados por meio de entrevistas estruturadas, previamente elaboradas pelo pesquisador. Para que se cumpra o caráter quantitativo que caracteriza a pesquisa sociolinguística, é necessário que seja coletado um grande número de dados, que serão estatisticamente analisados posteriormente e relacionados aos fatores sociais condicionantes, como faixa etária, escolaridade, sexo, nível socioeconômico e formalidade ou informalidade do falante.

A Sociolinguística propõe algumas etapas a serem percorridas para a análise de grupos de fatores, visando à facilitação no trabalho de quantificação de dados, como a consideração do contexto fonológico, classe morfológica, posição da variável e o estatuto morfológico da palavra que contém a variável (TARALLO, 1994).

Labov (2008) recomenda uma precaução para se evitar ou minimizar possíveis influências negativas decorrentes da presença do pesquisador e do gravador diante do entrevistado, o que ele denominou de paradoxo do observador. Essa recomendação consiste em observar e registrar, sem ou com poucas interferências, as falas dos entrevistados, através do uso da entrevista sociolinguística, previamente estruturada por meio de um roteiro de perguntas pré-estabelecido, em que o pesquisador estimule o entrevistado a narrar

algumas experiências pessoais, fazendo-o focar sua atenção nas suas próprias lembranças e não no processo de entrevista, tirando do informante qualquer tipo de preocupação com a forma ou com a estrutura narrativa, permitindo que o processo comunicativo ocorra de maneira natural. Portanto, a própria orientação teórica da Sociolinguística recomenda muito cuidado do pesquisador para se manter neutro durante a interação com o entrevistado, sendo que essa precaução também deve permitir que sua presença se torne o mais natural possível dentro da comunidade estudada, para que a naturalidade do evento não seja quebrada.

Tarallo (1994) aponta outros cuidados a serem tomados pelo pesquisador no momento da coleta de dados, como inserir-se na comunidade através da ajuda de terceiros; deixar claro para o entrevistado a possibilidade de inutilização da gravação, se ele assim o desejar; ajustar seu comportamento ao da comunidade em que se encontra; estabelecer critérios para a seleção de informantes e, principalmente, não deixar explícito que seu objetivo é estudar a língua.

Partindo na noção de prestígio, em que as variantes estão sempre em relação de concorrência, como padrão e não-padrão, conservadoras e inovadoras, e de prestígio e estigmatizadas, em que a variante padrão é a mais conservadora e de maior prestígio social, e a não-padrão é a variante inovadora e estigmatizada; a pesquisa sociolinguística procura identificar as mudanças linguísticas em andamento e também as variações estáveis, através da correlação dos fatores sociais com fatores linguísticos. A análise das variáveis permite constatar se o processo de variação vai vigorar por muito tempo dentro de um grupo de falantes, como é o caso das variáveis estáveis,

ou se vai ocorrer predominância e mudança de uma forma linguística sobre outra, como ocorre com as variáveis com mudança em progresso.

Um bom exemplo de situação de variável estável ocorre com pessoas pertencentes às classes de maior status social e com maior nível de escolaridade, que apresentam maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes de classes sociais mais baixas (LABOV, 1982, p. 77-78).

Outro exemplo, agora envolvendo uma situação de mudança em progresso é a constatação de Chambers e Trudgill (1980, p. 91-93) de que os falantes com idade intermediária costumam apresentar maior frequência de uso de formas inovadoras. Esses mesmo autores afirmam que, na análise das variáveis estáveis, as faixas etárias intermediárias apresentam maior frequência de uso das formas de prestígio.

A metodologia laboviana, para sistematizar determinada variação linguística, abrange basicamente cinco etapas. Inicialmente é preciso que seja realizado o levantamento de dados da língua a ser estudada, seguida da descrição da variável em questão. A terceira fase corresponde à análise dos fatores que condicionam tal variação, e a quarta e quinta etapa correspondem ao encaixamento da variável e sua projeção histórica, respectivamente.

Para a análise de um fenômeno de variação linguística, a intuição do pesquisador será de grande valia, para que possa detectar os fatores ou grupo de fatores que condicionam determinada variação, os quais podem ser de natureza interna, como o status informacional do falante, ou externa, como faixa etária, classe socioeconômica ou etnia.

Após ter coletado informações do entrevistado cabe ao pesquisador trabalhar estatisti-

camente com os dados para que possa identificar quais os grupos de fatores são os responsáveis pela ocorrência de uma dada variação e quais não o são.

DISCRIMINAÇÃO PELA LINGUAGEM: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A diferença de posições no tabuleiro social e a hierarquização dos grupos que compõem uma sociedade permitem que as variedades linguísticas destaquem a posição social de seus falantes, consideradas superiores ou inferiores, e proporcionem o surgimento de atitudes e comportamentos preconceituosos em relação a variedades da língua que fogem à regra padrão. Segundo Bagno (2004):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2004, p. 38).

Então, para tentar responder a pergunta formulada na introdução deste artigo, com base nos conceitos da Teoria da Variação, primeiro, é necessário que a os cursos de graduação em Letras tenham em sua grade curricular a disciplina de Sociolinguística, e que ela seja ministrada com a mesma importância que se dá às demais disciplinas que compõem esses cursos. Isso permitirá que os professores em formação tenham familiaridade com os conceitos da

Teoria da Variação, permitindo a incorporação desses pressupostos teóricos e metodológicos ao pensamento linguístico atual, e, não apenas, contribuindo para que esses conhecimentos sejam postos em prática quando iniciarem sua carreira docente.

Em segundo lugar, é preciso que a ideia de homogeneidade da língua seja posta de lado pelos professores que se dedicam atualmente ao ensino da Língua Portuguesa, pois, ao aceitar o fenômeno da variação como característica inerente a todas as línguas, o próprio conceito de certo e errado se torna relativo ao contexto comunicacional.

Essa interpretação heterogênea da língua vai possibilitar ao professor entender que o uso das variações não deve ser discriminado em sala de aula, pelo contrário, elas devem servir como ponto de partida para o ensino das formas mais prestigiadas, pois provavelmente, essa transição de uma forma desprestigiada para uma forma padrão irá facilitar o processo de aprendizagem dos alunos e colaborar para a desconstrução de práticas pedagógicas monolíngues que favorecem o surgimento e ocorrência do preconceito linguístico.

Com o estudo e a aplicação de seus postulados teórico-metodológicos, a Sociolinguística pode realizar uma grande contribuição para a desconstrução de atitudes e comportamentos discriminatórios decorrentes da linguagem, que reforçam ainda mais os processos de exclusão social, presentes na sociedade atual, pois:

[...] o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, uma vez que se nota ainda a predominância de práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, que tomam como

referência o padrão culto. [...] os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2004, p. 13).

Uma maneira de possibilitar o entendimento das variações linguísticas é a utilização de textos como letras de música, notícias de jornal, recursos de áudio e vídeo, e outros que mostrem as variações sendo utilizadas como recurso para a construção de sentido ou como uma ferramenta para caracterizar um tipo de personagem em dada obra, que pode vir a colaborar para o despertamento da consciência dos alunos no uso das variantes linguísticas, bem como possibilitar que eles utilizem várias formas, segundo a circunstância e o contexto de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação linguística pode ser verificada em todas as sociedades, até mesmo em comunidades primitivas, e conforme as sociedades vão se tornando mais complexas, seus integrantes assumem mais papéis sociais, possibilitando que ocorram mais fenômenos de variação linguística (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 111). Essa posição que considera como característica de todas as línguas a capacidade de sofrerem variações é compartilhada por muitos linguistas brasileiros como Faraco (2008), Mussalin e Bentes (2009) e Silva e Moura (2000) e outros.

Contrária à ideia de homogeneidade linguística das teorias estruturalistas (SAUSSURE, 2006), a Teoria da Variação, também conhecida

como Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, considera a língua dotada de “heterogeneidade sistemática”, o que indica, portanto, ser parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio das estruturas heterogêneas. Essa heterogeneidade permite a identificação dos vários grupos sociais que compõem uma sociedade, e sua ausência seria considerada disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Este trabalho não tem a pretensão de abranger a história da Sociolinguística em sua totalidade, com apresentação e perfeita ordem cronológica de todos os pesquisadores e teorias da linguagem que culminaram com o surgimento da Sociolinguística, pois existem diversas formas de se olhar para o fenômeno linguístico e, mesmo dentro da área onde é consenso a relação entre língua e sociedade, existem contrapontos nos quais divergem alguns autores.

Desde o nascimento da linguística moderna, com Ferdinand Saussure (2006), passando por teorias de Bakhtin (1990), Jakobson (1973), Chomsky (1965, 1977) e Benveniste (1989), diferentes teorias e sistemas de descrições têm sido elaborados buscando a compreensão da língua e sua delimitação como campo científico de estudo, todavia, pode-se afirmar que a Sociolinguística permitiu, assim, o estudo científico de fatos linguísticos excluídos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e consequente dificuldade de apreensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 29. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAKTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: **Problemas de linguística geral II.** São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.

BRIGHT, W. **Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964.** v. 20. Mouton & Company, 1966.

_____. As dimensões da sociolinguística. *Sociolinguística.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, N. **Aspects the Theory of Syntax.** Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.

_____. Conhecimento da História e construção teórica na Linguística Moderna. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 13, p. 133-155, Special Issue, 1997,.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

HODSON, T. C. Sociolinguistics in India. In: **Man in India**, v. 19, p. 94-98, 1939.

JAKOBSON, R. **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências.** Lisboa: Bertrand, 1973.

LABOV, W. Wheredoes the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, p. 43-88, 1978.

_____. Buildingon Empirical Foundations.

- In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-92, 1982.
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística**. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, p. 9-14 2004.
- MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística-domínios e fronteiras**. Editora Cortez, 2009.
- PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. History of sociolinguistics: introduction. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G.R. **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- SALOMÃO, A. N. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Revista Fórum Linguístico**, p. 187-207. 2011.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, F. D. e MOURA, H. M. D. M. **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis/SC: Insular, 2000.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1994.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.